

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ (CCC_o)
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA**

PATRICIA DA SILVA SANTOS

**DESAFIOS DE SE APRENDER A LER E A ESCREVER: reflexões docentes na Unidade
Integrada Municipal Renê Bayma de Codó-MA**

CODÓ
2023

PATRICIA DA SILVA SANTOS

DESAFIOS DE SE APRENDER A LER E A ESCREVER: reflexões docentes na Unidade Integrada Municipal Renê Bayma de Codó-MA

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Codó, como requisito para a obtenção de grau em Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Dias Martins da Costa.

CODÓ
2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santos, Patrícia da Silva.

Desafios de se aprender a ler e a escrever: reflexões docentes na Unidade Intregrada Municipal Renê Bayma de Codó, Maranhão / Patrícia da Silva Santos. - 2023.

34 p.

Orientador(a): Cristiane Dias Martins da Costa.

Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2023.

1. Dificuldade na Aprendizagem. 2. Leitura e Escrita. 3. Práticas docente, I. Costa, Cristiane Dias Martins da. II. Título.

PATRICIA DA SILVA SANTOS

DESAFIOS DE SE APRENDER A LER E A ESCREVER: reflexões docentes na Unidade Integrada Municipal Renê Bayma de Codó-MA

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Codó, como requisito para a obtenção de grau em Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em ___ de _____ de _____

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristiane Dias Martins da Costa – UFMA
(Orientadora)

Prof. Dr. Joelson de Sousa Morais
(Membro)

Prof. Dr. Aziel Alves de Arruda
(Membro)

AGRADECIMENTOS

A Deus, sem minha fé nele eu não conseguiria superar as dificuldades e conquistar meus objetivos;

A todas as pessoas que me ajudaram direta e indiretamente nessa jornada acadêmica, em especial aos meus pais, meus irmãos pela formação de caráter;

A minha família e aos meus amigos que me deram forças me apoiando e me ajudando sempre diante das dificuldades encontradas;

Em especial aos meus amigos Krysman, Joane Beatriz, Juliana Rocha, e Anália por todo apoio e incentivo, meu muito obrigado;

Aos meus professores da UFMA do Centro de Ciências de Codó que tanto me ensinaram; a minha orientadora, Cristiane Martins Dias da Costa, pela paciência em me orientar, dando suporte nas dificuldades encontradas;

Aos meus colegas do curso de Pedagogia que passaram comigo todas as aflições durante nossa jornada de estudos, me ajudando sempre que necessário;

A minha prima, Maria Taís, pela compreensão e suporte nos dias difíceis, me amparando sempre que possível.

Gratidão por todas essas pessoas, obrigada a todos!

RESUMO

A leitura e a escrita têm uma função de destaque na organização social para a obtenção de transmissão e informações. Neste sentido, o artigo tem a finalidade de investigar quais os principais motivos das crianças apresentarem dificuldades em aprender a ler e a escrever nos anos iniciais do ensino fundamental na perspectiva dos docentes da Unidade Integrada Municipal Renê Bayma de Codó-MA. Ainda, busca identificar as concepções de leitura e de escrita das professoras da escola; verificar as práticas docentes de alfabetização com as crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem; e refletir sobre os desafios para trabalhar com as crianças que apresentam uma defasagem idade/ano escolar em relação a alfabetização. A pesquisa tem como orientação a abordagem qualitativa e teve como fundamentação teórica, autores como: Faria (2009); Freire (2003); Ribeiro (2006); Soares (2004) entre outros. A pesquisa de campo ocorreu no turno vespertino, durante a realização do Estágio Supervisionado na referida escola no segundo semestre de 2022. Para obtenção de dados foi utilizado como instrumentos o caderno de campo e um questionário com perguntas abertas e fechadas aplicada a quatro docentes da escola. Por fim, analisamos os dados que demonstram um desafio para o processo de alfabetização, sendo posto pelas participantes da pesquisa. Observa-se que as professoras vêem a dificuldade de leitura e escrita como um desafio pedagógico importante, por sempre estarem em uma constante busca de entender o problema causador e utilizando recursos para sanar essa lacuna existente na educação.

Palavras-chave: Dificuldade na Aprendizagem. Leitura e Escrita. Práticas docentes.

ABSTRACT

Reading and writing have a prominent role in the social organization for obtaining transmission and information. In this sense, the article aims to investigate the main reasons for children to have difficulties in learning to read and write in the early years of elementary school from the perspective of teachers at the Renê Bayma Municipal Integrated Unit in Codó-MA. Still, it seeks to identify the school teachers' conceptions of reading and writing; verify the teaching practices of literacy with children who have learning difficulties; and to reflect on the challenges of working with children who have an age/school grade gap in literacy. The research is guided by a qualitative approach and was theoretically based on authors such as: Faria (2009); Freire (2003); Ribeiro (2006); Soares (2004) among others. The field research took place in the afternoon shift, during the Supervised Internship at that school in the second half of 2022. To obtain data, the field notebook and a questionnaire with open and closed questions applied to four teachers at the school were used as instruments. . Finally, we analyzed the data that demonstrate a challenge for the literacy process, as posed by the research participants. It is observed that the teachers see the difficulty of reading and writing as an important pedagogical challenge, as they are always in a constant search to understand the causing problem and using resources to remedy this gap in education.

Keywords: Difficulty in Learning. Reading and writing. Teaching practices.

INTRODUÇÃO

A leitura tem a finalidade de levar o leitor a vários mundos possível seja através de livros, revistas ou jornais podendo entreter quem realiza essa prática oferecendo reflexões sobre a realidade à qual enfrentamos no cotidiano, por isso é essencial na formação dos cidadãos (MORAES, 2014). Dessa forma, é relevante que sejam inseridas práticas de leitura desde cedo na vida da criança, pois, além de valorizar a autonomia intelectual e social poderão ter mais facilidade de compreender o contexto em que vive e se houver necessidade poder modificá-lo.

Além de tudo essas práticas podem desenvolver a criatividade, ampliar o vocabulário que em conjunto com a escrita ajudam na construção textual dando uma melhor concentração e desenvolvimento de novas habilidades. Entretanto, apesar da importância do ensino da leitura e da escrita, os dados educacionais mostram que os estudantes não estão atingindo os níveis esperados de aprendizagem.

De acordo com os resultados obtidos pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB, 2021), a proficiência média dos estudantes maranhenses foi inferior à média nacional, o que significa dizer que eles tiveram um percentual baixo em Língua Portuguesa e Matemática do ensino fundamental. O percentual dos estudantes do 2º ano que não conseguem sequer ler palavras isoladas, passou de 15,5% em 2019 para 33,8%, em 2021¹. Sabendo que a dificuldade de aprendizagem sempre existiu, entender as possíveis causas da problemática, nos ajudam a pensar em possibilidades de encaminhamentos no espaço escolar.

Diante desses desafios pontuados, o interesse pelo tema surgiu em virtude de experiências acadêmicas que obtive no curso de licenciatura em Pedagogia do Centro de Ciências Codó da Universidade Federal do Maranhão. Durante todo o percurso do curso tive um olhar mais atento sobre as dificuldades de aprendizagem de alguns colegas do meu convívio, inclusive no estágio. Essas experiências me fizeram lembrar que ao longo da minha vida passei por grandes desafios com aprendizagem da leitura e escrita, o que dificultou o meu desenvolvimento para interpretar e escrever um simples texto. Fato que me instigou a querer saber mais sobre a temática e entender melhor os motivos que levam as dificuldades enfrentadas pelas crianças nas escolas, considerando o contexto das escolas públicas de Codó².

¹ Disponível em: <https://sineducacao.org/saeb-e-ideb-brasil-registra-piora-no-aprendizado-de-estudantes-em-todos-os-niveis-avaliados>. Acesso em 10 jul. 2023

² Codó é um município brasileiro do estado do Maranhão. Possui uma área de 4.364,499 km² e sua população foi estimada em 123 mil habitantes, conforme dados do IBGE de 2020, sendo o sexto município mais populoso do Estado.

Mediante ao que foi exposto, pretende-se responder às seguintes questões: quais os principais motivos das crianças apresentarem dificuldades em aprender a ler e a escrever nos anos iniciais do ensino fundamental? Como os docentes desenvolvem suas práticas pedagógicas no intuito de melhorar a aprendizagem da leitura e escrita das crianças? Quais os desafios enfrentados pelos docentes diante das dificuldades de aprendizagem dos seus alunos?

A partir dessas questões chegamos ao objetivo geral da pesquisa é investigar quais os principais motivos das crianças apresentarem dificuldades em aprender a ler e a escrever nos anos iniciais do ensino fundamental na perspectiva dos docentes da Unidade Integrada Municipal Renê Bayma de Codó, Maranhão. Como objetivos específicos temos de identificar as concepções de leitura e de escrita das professoras da escola; verificar as práticas docentes de alfabetização com as crianças com dificuldade de aprendizagem; e refletir sobre os desafios para trabalhar com as crianças que apresentam uma defasagem idade/ano escolar em relação a alfabetização.

Tendo em vista atingir os objetivos propostos, a pesquisa consiste em alguns momentos: sendo introdução que apresenta a temática e os objetivos da pesquisa; a metodologia que aborda os caminhos percorridos; a fundamentação teórica com autores que discutem sobre a leitura e escrita que se dividem em dois tópicos, Leitura e escrita como prática social e a Dificuldade da aprendizagem da leitura e escrita; seguindo o estudo apresenta as discussões e resultados realizado pela pesquisa de campo na escola Unidade Integrada Municipal Renê Bayma, as observações que aconteceram durante o período de Estágio Supervisionado ao longo do segundo semestre de 2022 e as análises das informações da aplicação do questionário que contou com a participação de quatro professoras do turno vespertino da escola, e por último, as considerações finais.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A abordagem dessa pesquisa é de cunho qualitativa. Segundo Godoy (1995), citado por Silva, Medeiros e Enders (2011, p.07)

Os estudos sobre cultura organizacional têm usado extensivamente a metodologia qualitativa, na qual os pesquisadores evitam impor suas próprias categorias ou ideias a uma cultura. Eles buscam descrevê-la a partir das concepções de indivíduos que fazem parte da organização.

Para tanto, a pesquisa foi organizada em três etapas: fundamentação teórica, pesquisa de campo e análise dos dados.

Desta maneira, sucedeu-se um levantamento sobre os artigos fundamentais que tratam da temática discutida, a pesquisa bibliográfica se deu nas bases de dados SciELO (Scientific Electronic Library Online), no Google Acadêmico; o aporte teórico contou com autores que pesquisam a respeito da leitura e escrita e suas dificuldades na aprendizagem como: Aguiar e Giroto (2015) vem tratando da leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental; Costa e Silva (2018) aborda a produção do fracasso escolar; Faria (2009) discorre sobre a leitura e escrita no meio socioeconômico e cultural; Freire (2003) discute a importância do ato de ler ; Ribeiro (2006) atua a respeito da leitura e escrita na sala de aula e Soares (2004) fala com relação à alfabetização e letramento. Além de alguns documentos oficiais e primordiais na educação, dentre eles estão: Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Plano Nacional da Educação (PNE), Plano Estadual da Educação (PEE) e Plano Municipal de Educação (PME).

Faz-se necessário evidenciar a relevância da pesquisa de campo, como destacam os autores Marconi e Lakatos (2003) ela é bastante utilizada como meio para descobrir informações acerca de determinado problema que se queira resposta ou comprovar algo, ou, ainda encontrar fenômenos novos entre eles. Os autores salientam que a pesquisa de campo não pode ser confundida com apenas uma coleta de dados, pelo fato de coletar dados que ocorrem espontaneamente no campo investigado, pois é a partir dela que o estudo bibliográfico se sobressai no âmbito acadêmico por causa de seus dados recolhidos de maneira exemplar.

A pesquisa de campo foi realizada na escola Unidade Integrada Municipal Renê Bayma em Codó, Maranhão. A turma observada durante o estágio supervisionado do curso de Pedagogia do Centro de Ciências de Codó da Universidade Federal do Maranhão, ocorreu em dupla na sala do 1º ano com 20 crianças entre 6 e 8 anos de idade.

O estágio tinha a carga horária de 125 horas dividida nas seguintes etapas: a observação, regência e por fim aplicação do projeto de intervenção. Os três momentos serviram para conhecer o ambiente escolar e a prática de alfabetização utilizada pela professora regente. Ao longo do estágio em contato com as docentes da escola, fez-se necessário perceber o desafio em alfabetizar as crianças até o 2º ano do ensino fundamental como prevê a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018)³.

As visitas exploratórias foram essenciais para conhecer melhor o ambiente escolar e observar os desafios encontrados na prática docente em relação às dificuldades das crianças no processo de alfabetização. A técnica de observação é um elemento fundamental por isso é de

³ A Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo que define os direitos de aprendizagem de todas as crianças do Brasil, ou seja, ela determina conhecimentos e habilidades como sendo essenciais para que todas as crianças tenham o direito de aprender a ler e escrever na idade certa que é dos 6 a 7 anos, sem distinção de raça, classe socioeconômico ou região.

grande utilidade como aponta Gil (2009, p.100), “desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa”.

Em relação ao instrumento utilizado na pesquisa, foi solicitado uma autorização (Apêndice A) para usar o nome da escola e aplicar o questionário (Apêndice B) com as professoras, para isso fez se necessário a organização de um roteiro com dez questões objetivas e subjetivas que visam identificar a concepção e a prática dos docentes sobre a leitura e a escrita. Chaer (2012) pontua que quando se usa o questionário de maneira correta, ele pode vir a contribuir muito na obtenção de informações, garantindo o anonimato do participante e sendo fácil o manejo dos dados.

É importante ressaltar que o foco foi aplicar o questionário com as todas as professoras do 3º, 4º e 5º anos da escola, incluindo a professora HP⁴ (horário pedagógico), uma vez que já é esperado que as crianças estejam alfabetizadas nestes anos. Todas as quatro participantes da pesquisa responderam e autorizaram o uso das informações do questionário através do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Apêndice C). Elas serão nomeadas como fases da lua, tal como: Nova, Crescente, Cheia e Minguante garantido o anonimato indicado no Termo.

A escola U.I.M Renê Bayma⁵ fica localizada na rua Marcos Rochas S/N, bairro São José, na zona urbana do município de Codó, Maranhão. Ela atende o público dos anos iniciais do Ensino Fundamental, conta com 91 alunos no turno vespertino e contém 5 turmas do 1º ao 5º ano, uma turma de cada. A Escola conta também com uma equipe de funcionários contendo seis professoras no turno vespertino, uma gestora, um supervisor, um assistente administrativo, dois vigias e dois auxiliares de serviços gerais (ASG).

Figura 01: Fachada da escola U.I.M. Renê Bayma



Fonte: Próprio autor, 2023

⁴ HP é uma sigla destinada a professores que substituem o regente, enquanto este por sua vez está em planejamento realizando preparações de aulas. Eles ministram as aulas de geografia e história.

⁵ As informações da realização dessa pesquisa foram recolhidas a partir de observações e conversas informais com funcionários da escola e do questionário aplicados com as docentes.

Com relação a sua infraestrutura, contém 14 cômodos além de dois pátios, sendo um externo e outro interno, existindo sete salas de aula, três banheiros, sala da diretoria, sala dos professores, cantina e por fim a dispensa onde são colocados os alimentos escolares. A sala onde foi feito o estágio é um ambiente arejado, esta sala por sua vez possui espaço de leitura utilizado em certos momentos para incentivar o interesse das crianças em livros por meio de um espaço criativo, aconchegante e estimulante.

A turma observada foi a do 1º ano, assim como as demais, não possui ar-condicionado, contendo somente ventiladores, que na maioria das salas funcionavam apenas dois, causando desconforto por causa do calor, vale mencionar que todo o estágio aconteceu no período mais quente do ano. Além disso, observou-se que a iluminação não era muito boa, pois mesmo com as luzes ligadas a sala continuava escuro devido ser um espaço bem amplo e ter apenas duas lâmpadas e ficar umas árvores próximas à janela da sala fazendo sombra.

Durante a rotina da escola, havia uma acolhida no pátio da escola cantando o hino nacional e da cidade de Codó para todas as turmas. A rotina na sala de aula iniciava com uma acolhida breve de uma música animada (a critério da professora regente) para que interagissem entre si. Logo em seguida revisava o assunto passado para casa anteriormente. A aula seguia com o conteúdo programado de acordo com o plano semestral, com o assunto do dia envolvendo explicações, diálogo e por fim atividades retirada do quadro e impressas.

Logo, na terceira e última etapa passou-se a analisar e organizar todas as informações recolhidas através das entrevistas e da observação feita ao longo do período do estágio para poder proporcionar uma melhor coleta, assim ajudou em uma melhor conclusão tirada mediante os dados.

LEITURA E ESCRITA COMO PRÁTICA SOCIAL

Acreditamos que a leitura e a escrita têm uma função de destaque na organização social para a obtenção de transmissão e informações. Vale ressaltar que defendemos que ensinar a ler e a escrever não é somente saber decodificar e codificar um código escrito, vai além disso pois precisa assegurar que o indivíduo seja capaz de ter um espaço na sociedade de interação sistemática que contribuirá para uma formação crítica deste cidadão.

Esses comportamentos e práticas sociais de leitura e de escrita foram adquirindo visibilidade e importância à medida que a vida social e as atividades profissionais tornaram-se cada vez mais centradas na e dependentes da língua escrita, revelando a

insuficiência de apenas alfabetizar – no sentido tradicional – a criança ou o adulto. Em um primeiro momento, essa visibilidade traduziu-se ou em uma adjetivação da palavra alfabetização – alfabetização funcional tornou-se expressão bastante difundida – ou em tentativas de ampliação do significado de alfabetização/alfabetizar por meio de afirmações como “alfabetização não é apenas aprender a ler e escrever”, “alfabetizar é muito mais que apenas ensinar a codificar e decodificar”, e outras semelhantes. (SOARES, 2004, p. 96).

Na citação acima podemos perceber que com o passar dos anos, a leitura e escrita foram ganhando espaço de acordo com a evolução humana e deixou de ser apenas ler um texto ou escrever uma palavra. De acordo com Soares (2003), as práticas sociais são de suma relevância para o desenvolvimento cognitivo humano, ler e escrever proporcionam às pessoas desenvolver habilidades que os permitem comunicar e interagir com o meio social. Por serem práticas que se relacionam e se complementam são considerados os maiores instrumentos para a construção do conhecimento, sendo um dos maiores objetivos da escola. Assim, por estarmos sempre em constante avanço na sociedade, saber interpretar e escrever um texto passou a ser uma necessidade social contínua do ser humano.

De acordo com Soares (2003, apud Batista, 2006) o conceito de alfabetização vem mudando e desde o último censo em (2000), ou seja, houve uma ressignificação onde para a pessoa ser considerada alfabetizada não basta apenas considerar se ela é capaz de ler e escrever ou assinar o próprio nome, mas aquele que sabe usar a leitura e escrita para exercer uma prática social onde ambas são necessárias.

Soares (2004, p. 97) afirma que alfabetizar não é somente ensinar a ler/decodificar e a escrever/codificar é muito além disso. A autora, nesse contexto, nos apresenta o termo letramento que nada mais é do que o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e escrita em práticas sociais; e o termo a alfabetização é entendido como a aquisição do sistema convencional da escrita. Assim, a alfabetização e o letramento são essenciais para ensinar a ler e a escrever considerando suas especificidades.

Desta forma tentar separar alfabetização de letramento não é recomendado pois enquanto a alfabetização está relacionada com a compreensão do domínio dos chamados “código” escrito que se organiza entre a pauta sonora da fala e letra; o letramento é associado diretamente com a isenção e participação da cultura escrita, em outras palavras esse processo trata-se de proporcionar à criança a ter diferentes manifestações da escrita na sociedade (CARVALHO; MENDONÇA, 2006, p.19).

Vale ressaltar, que a busca pelo real sentido do que é ler e escrever tem sido intensa por existir muitas tentativas de descoberta onde uma delas são os vários questionamentos relacionados à temática, como por exemplo: qual a natureza da leitura e da escrita? Como se lê e

se escreve hoje? Como concebemos a leitura e a escrita? Kramer (2000), apenas analisando esses tipos de pergunta pontua a dificuldade das pessoas em saber o conceito do que é ler e escrever na sociedade atual.

Apesar do desafio posto, é importante considerar a prática da educação, isto que está relacionada ao ato de ensinar e aprender não deve se pautar somente da teoria ou da prática, já que as duas precisam andar juntas, precisam estar relacionadas para fazer sentido para os alunos. Freire (2003) pontua que para uma educação de qualidade, precisamos também da teoria.

Desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos "lendo", bem ou mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganhamos de nossa prática não basta. Precisamos de ir além dele. Precisamos de conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos. Seria interessante se os camaradas escrevessem numa folha de papel algumas das coisas que gostariam de conhecer. Fariamos um outro Caderno tratando os assuntos que os camaradas e as camaradas nos sugerissem. (FREIRE, 2003, p.40)

A criança precisa de um adulto para mediar o conhecimento que eles trazem de casa com o conhecimento escolar, precisa haver interação entre crianças e um ensino que façam sentir necessidade de aprender a ler e a escrever. Em outras palavras, o ensino significativo precisa de um adulto capacitado que possa alfabetizar o aluno letrando, ou seja, é importante para o professor enquanto mediador fazer com que o aluno sinta o desejo de se expressar através da fala e escrita, pois quando não vêem sentido no que estão aprendendo pouco vão se interessar no seu ensino-aprendizagem (AGUIAR; GIROTTO, 2015).

O docente por ser um mediador de conhecimento para a criança precisa conhecê-la bem para que tenham uma relação saudável, a partir da forma de agir com o professor trará uma vivência prazerosa criando vínculo importante para superar possíveis dificuldades. Para Tassoni (2000), quando o professor assume a sala de aula está assumindo um processo de aprendizagem que é social, levando interações de ensino-aprendizagem que se torna relevante para evidenciar a expressão da efetividade como ativa no bom desempenho escolar.

Com base nesses pressupostos, a educação deve possibilitar à criança um desenvolvimento amplo e dinâmico desde o nascimento até a maturidade. Para isso, a escola deve partir do estágio em que a criança se encontra, propondo atividades desafiadoras, que provoquem desequilíbrios e reequilibrações sucessivas, a fim de promover a descoberta e a construção do conhecimento. Nesse processo, o professor tem um importante papel: ser o mediador entre conhecimento e o aprendiz, estimulando e favorecendo o processo de autoconstrução (RIBEIRO, 2006, p. 16.).

É necessário que a criança tenha de alguma forma gosto ao desenvolver qualquer tipo de atividade no período escolar, seja na sala de aula ou tarefa de casa. Para tornar o estudo

prazeroso é importante considerar a realidade de cada aluno. Nesse aspecto é importante destacar que o direito da criança aprender a ler e a escrever está previsto em documentos oficiais.

O Plano Nacional de Educação (PNE) é um documento com metas e estratégias para ser atingida no período de 2014 até 2024, que visa erradicar o analfabetismo no país, tendo outra função interessante que a de articular reforços nacionais do governo federal fazendo que chegue até os Estados e Municípios, pois, ao elevar esse nível de escolaridade aumenta a taxa de alfabetismo.

Outro documento oficial que assegura isso é o de Plano Estadual de Educação (PEE) que impõe algumas implantações descentralizadas de políticas e diretrizes educacionais para melhorar o ensino de determinado estado, ao estabelecer metas para garantir que a criança tenha o direito de uma educação de qualidade. Já o Plano Municipal de Educação (PME), do município de Codó, prevê em sua meta 2, “Universalizar o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos para toda a população de 6 (seis) a 14 (quatorze) anos e garantir que pelo menos 95% dos alunos conclua essa etapa na idade recomendada, até o último ano de vigência deste PME”.

Assim, podemos pontuar o que os Planos de Educação indicam o ciclo de alfabetização, ou seja, 6, 7 e 8 anos, para as crianças se alfabetizarem. Porém, mais recentemente temos a Base Nacional com Curricular (BNCC, 2018) que indica que as crianças precisam estar alfabetizadas até o segundo ano do ensino fundamental, 6 e 7 anos.

Diversas leis garantem que a criança seja alfabetizada e letrada na idade certa, com profissionais capacitados e em uma escola adequada. Porém, vale ressaltar que toda criança tem seu tempo de aprender e existem alguns fatores que podem afetar o desenvolvimento da criança, podendo ser questões internas ou externas. Podemos citar questões familiares, emocionais, neurológicas, sociais, econômicas e/ou pedagógicas que influenciam na aprendizagem do estudante. Entretanto, apesar dos desafios, não podemos deixar de mencionar que todas as crianças, independente de suas dificuldades, têm o direito de aprender a ler e a escrever.

DIFICULDADE NA APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA

No Brasil, a introdução a bens culturais como uma educação de qualidade não é uma realidade para um número considerado de brasileiros, mesmo que esteja garantido na Constituição Federal de 1988 que menciona no seu artigo 206, no inciso I – “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”. Sabemos que na realidade esse direito não é garantido a todos e muitas crianças apesar de estarem na escola, apresentam dificuldades na alfabetização.

Para garantir os direitos da criança, a escola tem que ser um espaço educativo mediado por um profissional que irá aprimorar os conhecimentos prévios acerca da leitura e da escrita que as crianças trazem do seu contexto para o ambiente escolar. De acordo com Aguiar e Girotto (2015), a escola é um local privilegiado para que as crianças possam ter contato com os livros, revistas, folhetos etc. Por isso é importante que desde os primeiros anos de vida as crianças possam ter acesso à escola.

Apesar da Lei nº 11.700, de 13 de junho de 2008, garantir o acesso à escola no seu artigo 4º “[...] para assegurar vaga na escola pública de educação infantil ou de ensino fundamental mais próxima de sua residência a toda criança a partir dos 4 (quatro) anos de idade”, observamos que algumas crianças apresentam dificuldade de aprendizado ao longo da sua trajetória escolar.

Faria (2009) reflete sobre a dificuldade da definição do termo dificuldade de aprendizagem.

Não existe uma definição comum sobre o que vem a ser uma dificuldade de aprendizagem, de como e por que ela se manifesta, ou como evitar o fracasso escolar. Sabe-se que os principais tipos de dificuldade de aprendizagem referem-se a: alterações de fala, perturbações emocionais, incapacidade de aprendizagem, deficiências de saúde. As dificuldades de aprendizagem formam um grupo heterogêneo e é difícil defini-las, classificá-las como temporárias ou permanentes, ou afirmar que uma criança possui dificuldade de aprendizagem (FARIA, 2009, p.52).

Apesar do autor declarar que a dificuldade de aprendizagem não tem uma definição comum, lista alguns tipos como a alterações de fala, perturbações emocionais, incapacidade de aprendizagem e deficiências de saúde. Ou seja, são distintos os fatores que podem afetar o desenvolvimento das crianças como as questões afetivos-emocionais, transtornos e distúrbios de aprendizagem que comprometem o desenvolvimento psicossocial e cognitivo (AJURIAGUERRA, 1984 p.72-80 apud AMORIM, OLIVEIRA, 2016).

Nesse sentido, observamos que são vários os motivos que podem justificar as dificuldades das crianças na escola, alguns fatores internos, mas, faz se necessário destacar aspectos externos que também comprometem o ensino no âmbito escolar, como: espaço físico, transporte, materiais, recursos e a própria alimentação não adequada ao público. Costa e Silva (2018) destacam que diversos fatores refletem uma sociedade desigual, sendo necessário políticas públicas direcionadas para este desafio.

Nessa perspectiva, podemos citar a importância da valorização docente, de uma formação continuada de qualidade, necessidade de acompanhamento específico de crianças e seus familiares. Para isso é preciso de investimento e apoio dos órgãos responsáveis pela educação, para que possa ser garantido uma educação de qualidade para todas as pessoas como prevê no

Art. 205 da Constituição Federal, “A educação, direito e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Soares e Batista (2005) pontuam que quando estamos sendo alfabetizados passamos por algumas dificuldades, algumas de habilidades motoras e cognitivas que envolvem segurar o lápis de forma correta, a coordenação motora que é necessária para a escrita e posicionar-se adequadamente para ler. Mas sabemos que outras questões também influenciam como comentado por Sousa et al. (2017, p. 4) “A desestruturação familiar, a falta de tempo devido à elevada carga de trabalho dos pais e responsáveis, acrescida do desinteresse pela vida escolar do aluno e a falta de valores familiares que transmitam limites, são elementos que refletem diretamente sua vida escolar”.

Questões essas que estão diretamente ligadas às condições sociais econômicas das famílias. Sabemos da importância do trabalho em parceria com as famílias, e da influência positiva no aprendizado dos alunos quando família e escola trabalham juntas. Entretanto, não podemos desconsiderar a desigualdade do nosso país, em que muitos familiares não tiveram acesso à educação não sendo alfabetizados o que dificulta o processo de acompanhamento nas atividades escolar, assim suas condições socioeconômicas refletem na escola.

Neste contexto, podemos mencionar a falta da merenda escolar e do transporte público, em especial dos alunos da área rural que sofrem diariamente com o descaso governamental. Apesar de ser garantido no artigo 2.9 do Plano Municipal de Educação (PME) de Codó, que visa:

Garantir o transporte escolar, em regime de colaboração entre União e Estado atendendo aos princípios básicos de segurança exigidos pelo Departamento Estadual de Trânsito (DETRAN) e as normas de acessibilidade que garantem segurança aos alunos com deficiências, levando em consideração o tempo de permanência e idade mínima dos alunos, assegurando que cada ente assuma suas responsabilidades de forma a garantir a escolarização dos alunos oriundos da zona rural.

Outro desafio tem sido a falsa inclusão vivenciada diariamente pelas crianças com deficiência, uma vez que se garante o acesso à escola, mas ainda se tem muito a avançar nas estratégias para possibilitar uma participação ativa. Fumegalli (2012) pontua que a falsa ideia de inclusão se dá quando acreditamos que ao colocar uma criança em uma sala regular de ensino, será suficiente para que ela consiga aprender ou acompanhar o conteúdo igual aos colegas. Em outras palavras, o que está existindo é uma segregação desse aluno quando inclui e separa no mesmo ambiente.

Percebemos que a dificuldade de aprendizagem é uma constante na vida escolar de vários alunos e que considerando os diversos motivos que afetam o aprendizado das crianças não existe

um único caminho a se trilhar. Ou seja, algumas crianças precisam ao longo do processo educacional ter uma ajuda de profissionais bem qualificados como pedagogo, psicopedagogo, neuropsicopedagogo entre outros para conseguir acompanhar as atividades escolares. Petronilo (2007) menciona que “É importante notar que os indivíduos com essa dificuldade possuem outras habilidades e facilidades para aprender, permitindo a compensação e a superação das dificuldades iniciais”.

Outras crianças podem avançar nas suas dificuldades com estratégias diferenciadas que respeitem todos os ritmos. Para Rocha et al. (2010) o conteúdo de uma disciplina é programado e apresentado aos alunos através de aulas expositivas ou práticas, onde o ritmo de evolução do conteúdo é dado pelo professor, porém o que acontece é que esse ritmo pode não ser acompanhado por certos alunos, ocasionando uma não assimilação por completa do conteúdo, tendo em vista suas dificuldades. Assim o professor precisa criar estratégias que permitam que cada aluno siga seu próprio andamento na evolução das matérias, garantindo assim a cada aluno independente de seus avanços iguais condições de assimilação dos conceitos e práticas necessárias para um melhor aprendizado.

O fato é que quando falamos de dificuldade na aprendizagem, nos deparamos com vários desafios para garantir que todas as crianças tenham seus direitos assegurados pela Lei 8.069/1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que determina que toda criança e adolescente têm direito à educação, visando seu pleno desenvolvimento e preparo para o exercício da sua cidadania. Porém o grande desafio do ECA é garantir na prática os direitos como o acesso a uma educação de qualidade para todos.

Diante disso, buscamos verificar os desafios de se aprender a ler e a escrever pelos alunos da Escola Unidade Integrada Municipal Renê Bayma em Codó, a partir das reflexões dos docentes.

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE SE ENSINAR A LER E A ESCREVER

A pesquisa de campo, como já mencionado, foi realizada durante o segundo semestre de 2022 na Escola Unidade Integrada Municipal Renê Bayma em Codó. Como instrumento de pesquisa utilizou do caderno de campo contendo as observações durante o estágio e também da aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas para quatro docentes do turno vespertino da escola.

No Quadro 1 consta os perfis das quatro professoras participantes da pesquisa, como já mencionado para ambas foi atribuído nomes fictícios, como garantia do anonimato do questionário, assim elas serão reconhecidas nesta pesquisa com nomes das fases da lua.

Quadro 1: Identificação das participantes.

Participante	Formação	Turma de Atuação	Tempo de Atuação
Cheia	Biologia	4º ano	06 anos
Crescente	Pedagogia	3º ano	20 anos
Minguante	História	HP	25 anos
Nova	História	5º ano	26 anos

Fonte: autora da pesquisa (2023)

Como se observa no Quadro 1, participaram da pesquisa quatro professoras, sendo todas do sexo feminino, duas graduadas com Licenciatura em Ciências Humanas (História), uma com Licenciatura em Ciências Naturais (Biologia), e outra com Licenciatura em Pedagogia. Em relação ao tempo de atuação na docência, três delas têm mais de vinte anos e apenas uma tem seis anos.

A princípio foi solicitado para as professoras que relatassem quais seriam os motivos dos alunos estarem chegando no final dos anos iniciais ou até mesmo dos anos finais do ensino fundamental com muitas dificuldades para aprender a ler e escrever. As respostas se concentraram nas seguintes opções: pandemia da Covid-19, falta de apoio familiar, didática do professor, falta de interesse do aluno. Nova e Crescente (2023) deram as mesmas respostas que foi por causa da “*pandemia*”, “*falta de apoio familiar*” e “*falta de interesse do aluno*”; enquanto Cheia cita que é somente por causa da “*pandemia*” e “*falta de apoio familiar*”; por fim Minguante respondeu que foi por causa da “*pandemia*”, “*falta de apoio familiar*” e “*didática do professor*”.

Portanto, foi notório perceber na concepção das docentes da escola investigada uma repetição nas respostas que pontuam a pandemia e a falta de apoio familiar como principais causas das dificuldades da aprendizagem dos alunos. Crescente (2023) pontuou que “*a pandemia atrasou em 10 anos a aprendizagem dos alunos*”. Cheia (2023) acrescentou que “*muitos alunos não foram alfabetizados no 1º, 2º e 3º ano por causa da pandemia*”.

Diante das percepções durante a observação e regência no estágio supervisionado no ensino fundamental anos iniciais a respeito das dificuldades dos alunos na leitura e escrita pós-pandemia (Covid-19) foi perceptível o desafio dessas crianças para se adaptar à rotina da

escola. Visto que foram quase dois anos com aulas remotas e muitas famílias não tiveram condições de acompanhar as atividades nos grupos de WhatsApp e ou através das atividades impressas, seja por falta de acesso à internet em caso, a necessidade de disponibilidade de um celular para acompanhar as atividades da escola ou pela falta de acesso à leitura e escrita pelos responsáveis, diversos desafios foram postos no retorno presencial às escolas. Queiroz et al. (2021) pontuam que de algum modo a pandemia trouxe uma certa alteração que afetou as crianças da instituição em relação a seus desempenhos escolares.

Em relação ao apoio familiar todas mencionam como sendo o que mais prejudica pelo fato da maioria dos pais não acompanharem os estudos dos filhos, como foi destacado por uma professora *“a falta de apoio familiar que por vários motivos inclusive a falta de estudo dos pais não ajudam os filhos”* (CHEIA, 2023). Perante o que foi exposto, durante o estágio foi possível perceber a diferença da criança que tem ajuda para fazer uma tarefa escolar em casa, pois elas acompanhavam melhor as atividades escolares e tinham mais facilidade em aprender no que lhe é proposto, ao contrário da criança que não tem esse suporte em casa.

Assim fica evidente, que com a pandemia exigiu mais do acompanhamento dos familiares o que refletiu de uma forma significativa a aquisição da leitura e escrita pelos alunos. Infelizmente, muitas famílias não tiveram condições de acompanhar adequadamente as crianças nas atividades escolares em casa, prejudicando o desenvolvimento escolar. Melo (2021) faz algumas considerações em relação a esse momento pandêmico.

As competências do ensino doméstico, atribuídas às famílias no isolamento social, somadas às atividades profissionais em home office, multiplicaram-se, de forma que o núcleo familiar se viu obrigado a prestar assistência aos filhos em suas atividades escolares remotas e obrigatórias. Para muitos pais e/ou responsáveis dos estudantes, essas conjunções se transformaram em estresse, condicionado às altas demandas de atividades diárias. (MELO, 2021, p.14).

Motivos estes que continuam a afetar mesmo depois do surto da Covid-19, sendo uma das possíveis causas do aumento do número de crianças não alfabetizadas ao longo do 1º e 2º anos do ensino fundamental. É relevante enfatizar a relação família e escola neste processo, ambas têm um papel importante distinto, mas complementar no que diz respeito à educação, por compartilharem tarefas de preparar e encaminhar os sujeitos para a vida nos seus mais diversos aspectos (SARAIVA, WAGNER, 2013).

Em relação à falta de interesse do aluno, somente uma professora Crescente marcou esta questão, mas não respondeu o motivo. Vale ressaltar que a ausência do aluno na sala de aulas é

outra indagação a discutir, visto que ⁶A evasão escolar de acordo com um estudo realizado pelo IPEC (Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica) revelou que, em 2022, mais de 2 milhões de meninos e meninas com idades de 11 a 19 anos, deixaram a escola sem terminar a Educação Básica no Brasil. Essa problemática afeta principalmente os mais vulneráveis, enquanto na classe AB o percentual de evasão é 4%; na classe DE, chega a 17%, ou seja, é quatro vezes maior. Motivos é o que não faltam para evasão, também apareceram temas como a falta de transporte para chegar até a escola, com 18%, desafios por ter algum tipo de deficiência (9%), racismo (6%), entre outros.

Com relação à didática do professor, a Minguante (2023) é a única a mencionar a questão da formação “*professor com perfil alfabetizar nas turmas de 1º e 2º ano*”, isto significa que é preciso que o professor alfabetizador esteja capacitado com a área que irá ocupar, como mencionado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no artigo 64, “A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional”. Observa-se que apesar da formação em pedagogia ser uma exigência legal para a atuação nos anos iniciais do ensino fundamental, apenas a professora Crescente tem essa formação.

O educador será mediador de um conhecimento que transforma vidas principalmente nessa fase da alfabetização, em vista disso, é relevante que este profissional esteja capacitado. Ele precisa conhecer os conteúdos trabalhados, utilizar de estratégias diversas para que consiga atingir todos os alunos da turma. Osti (2004) pontua a importância de conhecer a realidade dos alunos nesse processo.

Ao conhecer seu aluno, o professor será capaz de melhor distinguir as diferenças em sala, podendo adaptar certas atividades, como por exemplo, trabalhar em grupo colocando alunos com maior rendimento para auxiliar aqueles com dificuldades, objetivando sempre que os alunos aproveitem o máximo do que está sendo ensinado. (OSTI, 2004, p.19)

Quando o professor é um bom observador, ele sabe interpretar se a dificuldade do aluno está ligada a um problema momentâneo como uma questão externa ou se vai além onde requer cuidados diferentes e um encaminhamento para os profissionais que possam diagnosticar possíveis problemas. Nesse sentido, é importante enfatizar a relevância das formações continuadas para os professores, ao levar em consideração a ideia de Chimentão (2009), quando

⁶ EAD CESMAC. **Dados e soluções para usar em uma redação sobre evasão escolar**. 2023. disponível em: <https://ead.cesmac.edu.br/blog/redacao-sobre-evacao-escolar>. Acesso em: 14 de jun. de 2023.

o educador está em exercício da profissão estar sempre bem informado e atualizado não apenas em relação aos fatos e acontecimentos do mundo, mas, principalmente, em relação aos conhecimentos curriculares e pedagógicos e às novas tendências educacionais.

Partindo desse conceito de novos conhecimentos curriculares é importante discorrer a respeito de como as professoras fazem intervenções perante as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelas crianças no que se refere à leitura e à escrita, obteve-se os seguintes resultados.

Quadro 2: Intervenções utilizadas no desenvolvimento do aluno.

Cheia	Faço atividade voltada para aquele aluno, converso com a família e também peço ajuda ao coordenador pedagógico, no intuito de procurar meios para alfabetizar esse aluno.
Crescente	Descobrir que nível de fluência a criança está, colaborar com recursos pedagógicos que atraíam e despertem ela para aprender. Buscar ajuda da família também.
Minguante	Faço roda de conversa para trabalhar o conteúdo, pois sou professora de horário pedagógico e ministro aula a cada 8 dias em uma sala.
Nova	Pedindo ajuda ao corpo docente para que o aluno possa recuperar o ensino aprendizagem perdido.

Fonte: autora da pesquisa (2023)

É possível observar no Quadro 2 que todas as professoras responderam à pergunta com algumas sugestões. Desta forma, Nova relata seu modo de intervenção que é através de suas colegas, pois ao contar algumas dificuldades que estão ocorrendo, elas dão sugestões para que ela tenha informações para lidar melhor com alguns impasses envolvendo as crianças. Como menciona Morrone (2019), a educação é uma construção contínua do ser humano e contar com ajuda do próximo é um ato de educar que contribui para o aperfeiçoamento intelectual, profissional e emocional do ser humano.

Diante do exposto, as professoras Crescente e Cheia (2023) apresentaram respostas semelhantes ao se referir a família, quando citam “*buscar ajuda da família*”, “converso com a família” ou seja, ambas pensam logo nos seus responsáveis legais ao se deparar com uma situação de dificuldade de aprendizagem de seus alunos, por acreditarem que essa relação entre família e escola sejam uma oportunidade para sanar os desafios encontrados em seu dia a dia. Assim como afirmam Oliveira; Marinho-Araújo (2010), a partir do momento que a criança começa a frequentar o ambiente escolar, passa existir uma divisão de responsabilidade que concerne à sua educação e para que se obtenha um melhor desempenho do aluno é importante a socialização entre instituição e família.

Crescente (2023) também complementa que procura descobrir o nível de fluência que o aluno se encontra para a partir desse diagnóstico trazer o recurso adequado que despertem o interesse pelos estudos. Cheia (2023) acrescenta que pede ajuda ao coordenador pedagógico e faz atividades voltadas para a criança específica. A parceria entre professor e coordenador faz se necessário, pois na medida em que atuam em parceria, observando, discutindo e planejando, visto que esses momentos requerem encontros individuais ou até mesmo coletivos dentre os membros atingidos, partindo disso pode se tornar mais fácil vencer os objetivos esperados. Considerando que, “o coordenador pedagógico deve identificar as necessidades dos professores e com eles encontrar soluções que priorizem um trabalho educacional de qualidade” (AZEVEDO et al., 2012).

Minguante (2023) finaliza ao esclarecer que por não ser professora regente e comparecer somente a cada oito dias em uma sala não é a responsável pelo processo de alfabetização das crianças, mas isso não a impede de tentar trazer soluções para os alunos que apresentem alguma dificuldade. Ela pontuou que costumam tratar dos conteúdos em rodas de conversa. Ela permite ao professor compreender e intervir no processo de construção do conhecimento de forma dialogada. Silva (2012) enfatiza que a roda de conversa, por ser uma maneira de estudo mais recente que foi criado a partir de indagações que permeia o sistema educacional, vai contribuir para uma concepção opressora e autoritária de educação.

Partindo dessas concepções, após a identificação dos alunos que apresentam dificuldades no processo de leitura e escrita, buscou-se analisar como as professoras acreditavam que suas metodologias e estratégia podem ajudar o aluno a superar suas dificuldades, e foram dadas as seguintes respostas:

Quadro 3: Metodologia e estratégias utilizadas em sala.

Cheia	Sim, alunos com dificuldades não quer dizer que não vai aprender, eu uso muitos jogos com letras que ajudam meus alunos com dificuldade. Uso também palavras de motivação que ajudam muito.
Crescente	Sim, o professor contribui significativamente com estímulos diários para a criança ler, jogos e leituras em fichas, livros etc.
Minguante	Com certeza, pois o método fônico é uma importante metodologia para alfabetizar e letrar
Nova	Sim, uma das estratégias utilizada na sala de aula é o bingo e outros

Fonte: autora da pesquisa (2023)

Observa-se que ambas confirmam a importância do professor no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Contudo destacam-se as falas das professoras, Cheia (2023) que cita que não é porque o aluno tem dificuldade que ele não vai aprender, ela também pontua a motivação e os jogos podem ajudar as crianças. Crescente e Nova (2023) reverberam essa mesma linha de pensamento por acreditarem que o uso do lúdico funciona como influência positiva no processo da alfabetização.

Desse modo, é nesse panorama que se discute sobre jogos ser um recurso didático essencial para a alfabetização. Parte-se do pressuposto de que a ludicidade é uma prática sociocultural que assume a faceta linguística na aprendizagem da língua escrita como foco de preocupação e esses recursos pedagógicos são utilizados como materialização dessa ação docente e não como acessórios desse ato (ARAÚJO, 2020).

Contudo, Minguante (2023) dá como exemplo de estratégia educacional o método fônico. Nessa perspectiva é relevante discutir a eficácia do método citado pela sua capacidade de estar ligado diretamente com atividades que envolvem letras e sons. O fato de sistematizar primeiro as letras com as suas correspondências fonéticas fora de um contexto, distância da proposta alfabetizar letrando (SOARES, 2017); que visa trabalhar a leitura e a escrita a partir de uma música, uma parlenda, uma história, ou seja, um texto que seja significativo para as crianças.

Com base na questão anterior fez-se a seguinte indagação: Existe na escola algum projeto para colaborar com o desenvolvimento das competências de leitura e escrita nas crianças que já estão mais defasadas em relação ao previsto pelos documentos normativos. Quais?

Quadro 4: Projeto colaborativo utilizado pela escola.

Cheia	Sim, o projeto nas ondas da leitura.
Crescente	Não, fica somente a cargo do professor a responsabilidade de cada criança ler e escrever. Seria excelente um acompanhamento nesse sentido, mas não há.
Minguante	Sim, nas ondas da leitura e fluência leitora.
Nova	Sim, um dos projetos a ser trabalhados neste ano é o projeto nas ondas da leitura.

Fonte: autora da pesquisa (2023)

Ao verificar as respostas, percebe-se que três participantes responderam que sim, existem projetos para trabalhar com as crianças que estão mais defasadas em relação ao seu desenvolvimento com aprendizagem. É importante ressaltar, com base no questionário, ambas

indicam o projeto Nas ondas da leitura⁷, que é desenvolvido pela Secretaria do Município de Educação, Ciência e Tecnologia (SEMECTI) que tem como foco trabalhar a leitura e a escrita a partir de livros de literatura. Vale ressaltar, que durante a aplicação dos questionários estava ocorrendo a execução desse projeto na escola investigada.

Minguante também destaca o Projeto Fluência Leitora⁸ por ter como objetivo analisar o desempenho individual de cada criança na leitura e compreensão de textos escritos para diagnosticar eventuais lacunas no processo de alfabetização. No decorrer de todas as etapas do estágio observei o Projeto Fluência Leitora, sendo desenvolvido principalmente pelas professoras do 1º e 2º ano, quando alguns alunos demonstram uma maior dificuldade na aprendizagem eram retirados da sala para ser trabalhado a leitura individualmente na sala dos professores.

Crescente foi a única a mencionar que não existe projeto na escola para trabalhar com o desenvolvimento de competências na aprendizagem da leitura e escrita. Ela reforça que os projetos ficam somente a critérios das professoras, e reafirma a relevância que seria ter um acompanhamento. Acredita-se que a resposta negativa da professora, pode ter sido dada uma vez que o projeto Nas ondas da leitura é destinado a todos os estudantes e não exclusivamente para as crianças que estão precisando de um reforço no quesito da aprendizagem da leitura e da escrita.

Em geral as falas das professoras nos mostram que a leitura e escrita são práticas importantes nos dias de hoje, e tem um papel social de grande interferência na vida de qualquer ser humano, por acreditarem na relevância que essa prática social possui na vida cotidiana de um indivíduo, por reconhecer que a leitura e escrita podem ajudar no desenvolvimento cognitivo dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem da leitura e escrita já como citado anteriormente, é um acesso fundamental e de grande utilidade, sendo de total relevância como serventia na vida de qualquer cidadão, e no que diz respeito ao seu papel fundamental no desenvolvimento cognitivo do ser humano. As duas práticas podem proporcionar um maior desenvolvimento do intelecto e da

⁷ O Projeto Nas Ondas da Leitura, proposta pedagógica da Editora IMEPH, objetiva mobilizar escola e família para estimular a formação de alunos leitores e escritores. O Projeto, construído sempre em parceria com autores, ilustradores, Secretarias Municipais de Educação, professores, gestores, coordenadores pedagógicos, pais e discentes, valoriza os talentos locais, desenvolve a criatividade, fortalece a autoestima e contribui para o resgate da nossa identidade. A proposta é trabalhar com sequências didáticas a partir de obras literárias distribuídas para os professores e alunos das escolas municipais de Codó.

⁸ É um projeto ativo que tem como objetivo identificar e trabalhar o desenvolvimento e as habilidades das crianças que se encontram com dificuldade de leitura.

imaginação, além de despertar a aquisição de novos conhecimentos, contudo existem alguns empecilhos que atrapalham o aprendizado.

Neste artigo foi possível tecer reflexões sobre como a leitura e escrita estão sendo tratadas na escola em pauta, tendo ela uma base de apoio das docentes. A pesquisa apontou desafios e possibilidades da aprendizagem de leitura e escrita na perspectiva das professoras de uma escola municipal de Codó. É necessário evidenciar que os desafios enfrentados diariamente pelos alunos refletem um sistema educacional desigual, sendo necessário investimentos na educação pública de qualidade, destacamos aqui melhorias na infraestrutura, na formação continuada dos profissionais, no transporte, na alimentação e no acompanhamento das crianças que precisam de um atendimento educacional especializado entre outras.

Perante os desafios enfrentados pelas professoras, a pesquisa apresentou estratégias por elas utilizadas ao se deparar com crianças com dificuldades da aprendizagem, fez-se perceptível perceber os meios que mais se utilizam para ajudar esses alunos, as técnicas usadas estão sendo abordada das seguintes maneiras pedir apoio o coordenador pedagógico, às demais profissionais, e pedindo suporte para os familiares entre outros.

Diante das observações e da aplicação do questionário, observa-se que as professoras vêem a dificuldade de leitura e escrita como um desafio pedagógico importante, por sempre estarem em uma constante busca de entender o problema causador e utilizando recursos para sanar essa lacuna existente na educação. Entretanto, pontuaram que a pandemia da Covid -19 e o acompanhamento das famílias afetaram o aprendizado da leitura e da escrita.

Faz-se evidente perceber o esforço das educadoras em tentar amenizar os problemas de aprendizagem enfrentados pelas crianças. Entretanto, pontuamos a importância da capacitação dos professores que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental que precisam de uma didática adequada para alfabetizar os alunos, respeitando o tempo de aprender de cada um.

Sendo assim, pesquisar a temática foi de grande utilidade, visto que na história brasileira a leitura e escrita sempre foi importante para o processo educativo por proporcionar uma amplitude de habilidades como a comunicação e o desenvolvimento do senso crítico do ser humano. Partindo desse pressuposto, é essencial que todos aprendam a fazer o uso da leitura e escrita.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Beatriz Carmo Lima de; GIROTTO, Cynthia Graziella Guizelim Simões. A apropriação da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental: desafios e possibilidades. **Momento**, Marília-SP, jan./jun. 2015. v. 24 n. 1, p. 41-57.

AMORIM, Eliabe Bezerra de Oliveira Silva; OLIVEIRA, Gislene Farias de. Dislexia em perspectiva: Contribuições da psicopedagogia e da Psicologia. **Rev. Psic.**, 2016 v. 10(31), supl. 2.

ARAÚJO, Liane Castro de. Jogos como recursos didáticos na alfabetização: o que dizem e fazem as professoras. **Educação em Revista**, 2020, v. 36.

AZEVEDO, Jéssica Barreto de; NOGUEIRA, Liliana Azevedo; RODRIGUES, Teresa Cristina. O coordenador pedagógico: suas reais funções no contexto escolar. **Humanas Sociais & Aplicadas**, 2012, v. 2, n. 4.

BARBOSA, Daiany Toffaloni; SOUZA, Nelly Narciso de. O método fônico sob a perspectiva neuropsicológica. **Revista da UNIFEBE**, Santa Catarina, dez. 2017, v. 1, n. 22, p. 21-36.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Alfabetização, leitura e escrita. **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, p. 12-17, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República [2016]. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em 18 de jun. de 2023.

BRASIL - **Lei no 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. BRASIL.

BRASIL. Lei nº 11.700, de 13 de junho de 2008. Acrescenta inciso X ao caput do art. 4º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para assegurar vaga na escola pública de educação infantil ou de ensino fundamental mais próxima de sua residência a toda criança a partir dos 4 (quatro) anos de idade. **Diário Oficial da União**, Brasília-DF, 16 jun. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111700.htm. Acesso em: 02 jul. 2023.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 13 de jul. 2023.

BRASIL. **O direito à educação e a construção da cidadania**, 2022. disponível em: [O direito à educação infantil e a construção da cidadania | Politize!](#). Acesso em: 18 de mai. de 2023.

CARVALHO, Maria Angélica Freire de. MENDONÇA, Rosa Helena. Práticas de leitura e escrita. **Brasília: Ministério da Educação**, 2006.

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Revista Evidência**, 2012, v. 7, n. 7.

CHIMENTÃO, Lilian Kammer. O significado da formação continuada docente. Anais... **CONGRESSO NORTE PARANAENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**. Londrina. Anais: 4º CONPEF. Universidade Estadual de Londrina, 2009.

CODÓ. Plano Municipal de Educação - **PME**. 2015. Disponível em: <https://www.codo.ma.gov.br/uploads/1.727%20de%2023.06.2015>. pdf. Acesso em: 04 de jun. de 2023.

COSTA, Cristiane Dias Martins da; SILVA, José C. ARAGÃO. A Produção do fracasso escolar e o projeto letrar nas escolas municipais de Codó, Maranhão. In: **VII Encontro Nacional das Licenciaturas** - VI Seminário do Residência Pedagógica, 2018, Fortaleza. VII ENALIC - Anais Enalic. João Pessoa/PB: Editora realize, 2018.v.1

FARIA, Raquel Alexandra Neves de Oliveira. **A influência do meio sócio-económico e cultural na aprendizagem da leitura e da escrita**. Dissertação de Mestrado, Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto. 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção palavra da gente).

FUMEGALLI, Rita de Cássia de Ávila. **Inclusão Escolar**: o desafio de uma educação para todos. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GOV.BR. **Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb)**, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb/resultados>. Acesso em: 25 de Mar. de 2023.

KRAMER, Sonia. Leitura e escrita como experiência: seu papel na formação de sujeitos sociais. **Presença Pedagógica**, São Paulo, 2000, v. 6, n. 31, p. 17-27.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamento de metodologia científica**: técnica de pesquisa. 05.ed. São Paulo: Atlas S.A, 2003.

MELO, Marli Alves Flores. Pandemia da Covid-19: Efeitos Retratos na Educação Pública Brasileira. **Boletim de Conjuntura**. Ano III | Volume 7 | N°20 | Boa Vista | 2021.

MORAES, Rodrigo. opinião - **A importância da leitura para a formação do cidadão**. alessp, 2014. disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=359963>. Acesso em: 02 de Mai. 2023.

MORRONE, Maria Lucia. Transferência compulsória no regimento escolar: Um processo de exclusão na educação básica. **Revista Educação, Psicologia e Interfaces**, 2019, v. 3, n. 3, p. 48-63.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia**. Campinas. 27(1).99-108. janeiro – março, 2010.

OSTI, Andréa. **As dificuldades de aprendizagem na concepção do professor**. Monografia [Dissertação em Pedagogia]–Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2004.

PETRONILO, Ana Paula da Silva. **Dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita**. Monografia. (Especialização). Universidade de Brasília, 2007.

QUEIROZ, Michele de; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de; PAULA, Genegleisson Queiroz de. Educação e Pandemia: impactos na aprendizagem de alunos em alfabetização. **Ensino em Perspectivas**, 2021. v. 2, n. 4, p. 1-9.

RESENDE, Maria Aparecida; RESENDE, Tamires Cristhina. Análise da importância da leitura no processo de alfabetização na concepção de Magda Soares e de Paulo Freire. **Revista Línguas & Letramento**; 2020, v. 5, n. 1, p. 07.

RIBEIRO, Flávia Helena. **Mecanismos do saber: visão individualizada da leitura e da escrita em sala de aula**. Universidade de Brasília, 2006.

ROCHA, Paulo et. al. Ensino e Aprendizagem de Programação: Análise da Aplicação de Proposta Metodológica Baseada no Sistema Personalizado de Ensino. **Renote - Revista Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre –RS, Brasil. 2010, v. 8,n.3.

SARAIVA, Lisiane Alvim; WAGNER, Adriana. A relação família-escola de professores e pais de crianças que frequentam o ensino fundamental. **Ensaio: Avaliação e Política Pública em Educação**. Rio de Janeiro, out./dez. 2013, v. 21, n. 81, p. 739-772.

SILVA, Adriana da. **A roda de conversa e sua importância na sala de aula**. Unesp - Rio Claro, 2012

SILVA, Leilianne Michelle Trindade, MEDEIROS, Carlos Alberto Freire & ENDERS, Wayne Thomas. Avaliação da cultura organizacional: um contraponto entre as abordagens quantitativas e qualitativas. **Interface – Revista do Centro de Ciências Sociais Aplicadas**, 2011, (2), 123-140.

SILVA, Eliabe Bezerra de Oliveira; OLIVEIRA, Gislene Farias de. Dislexia em perspectiva: Contribuições da Psicopedagogia e da psicologia. **ID on line. Revista de psicologia**, 2016, v.10, n. 31, p.135-146.

SILVA, Thiago Rosa. Dificuldade de Aprendizagem na Leitura e na Escrita. **Revista Científica do ITPAC**. Outubro/2009, Vol. 2, N. 4.

SOARES, Magda Becker; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e Letramento**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização. **Revista Presença Pedagógica**, jul./ago. 2003, v.9 n.52.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio – Revista Pedagógica** de 29 de fevereiro de 2004, Artmed Editora, UNESP.

SOARES, Magda. **Alfaletrar:** toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOUSA, Dominique Guimaraes de; MIRANDA, Jean Carlos; GONZAGA, Glaucia Ribeiro & SOUSA, Fabiano dos Santos. Desafios da prática docente. **REVISTA EDUCAÇÃO PÚBLICA (RIO DE JANEIRO)**, 2017, v. 17, p. 1-8.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. Afetividade e aprendizagem: a relação professor -aluno. **Psicologia, análise e crítica da prática educacional**. Campinas: ANPED, 2000. p.1 - 17.

APÊNDICE A – Autorização

AUTORIZAÇÃO

Eu, Luícia Maria Torres Anaisse, CPF: 237068993-3 RG _____,
Gestora da Unidade Integrada Municipal Renê Bayma de Codó, Maranhão, que
funciona na Rua Marcos Rocha, Bairro: São José, de Codó/MA, autorizo a aluna
Patrícia da Silva Santos, Estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal
do Maranhão – Campus Codó, a utilizar as informações da referida escola, para
elaboração de seu trabalho de Conclusão de Curso nas dependências da escola,
orientado pela professora Cristiane Dias Martins da Costa.

Para maior clareza, firmamos o presente.

Codó/MA, 26 de 05 de 2023

UNIDADE I. M. RENÊ BAYMA
Luícia Maria Torres Anaisse
Diretora

Luícia Maria Torres Anaisse
Gestora da U.I.M. Renê Bayma



Este questionário faz parte da pesquisa intitulada "**Desafios e Possibilidades da Aprendizagem da Leitura e da Escrita na Perspectiva dos Professores de uma Escola Pública de Codó Ma**" realizada pela discente Patrícia da Silva Santos. Graduada em Pedagogia, e orientada pela professora Dra. Cristiane Dias Martins da Costa da Universidade Federal do Maranhão em Codó. O principal objetivo desta pesquisa é investigar os desafios e possibilidades da aprendizagem da leitura e escrita na escola Unidade Integrada Municipal Renê Bayma em CODÓ-MA, para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Assim, os resultados desta pesquisa serão apresentados em forma de artigo. Além disso, é importante ressaltar que respeitando os princípios éticos os participantes desta pesquisa não terão seus nomes identificados

Atenciosamente:

Patrícia ... - Acadêmica do Curso de Pedagogia / UFMA - Campus VII - Codó-MA.
 Contato: e-mail: santos.patricia2@discente.ufma.br ou (99) 991743709
 Prof. Dr^a. Cristiane Dias Costa Martins - Orientadora - Professora do Curso de Pedagogia do Centro de Ciências de Codó da UFMA.
 Contatos: cristiane.dmc@ufma.br ou (98) 98104-1313

Informações Iniciais

1. Nome _____
2. Formação _____
3. Tempo de atuação como docente _____
4. Tempo de atuação na escola U.I.M Renê Bayma _____
5. Turma que atua na escola U.I.M Renê Bayma _____
6. Quantos alunos na sua sala _____
7. Quantos alunos da sua turma iniciaram o ano letivo de 2023 alfabetizados? _____
8. Participou de alguma formação continuada na área da alfabetização, qual? _____

Perguntas específicas.

1. Do seu ponto de vista, o que significa dizer que a pessoa está alfabetizada, ou seja, quando considera que seu aluno sabe ler e escrever, quer dizer que ele já consegue
 Opções de respostas
 Reconhece as letras do alfabeto ()
 Sabe relacionar as letras com os sons formando as sílabas ()
 Consegue ler e interpretar o que está lendo ()
 Outra ()
2. Com base na questão anterior, pontua quais deveriam ser as principais atividades para alfabetizar as crianças?
 Opções de respostas



- Atividades de ligar e contornar letras ()
 Atividades de cópia das famílias silábicas ()
 Atividades utilizando o nome próprio ()
 Atividades lúdicas como o bingo das letras ()
 Atividades a partir dos gêneros textuais ()
 Outras atividades ()
3. Quais são os principais recursos utilizados para alfabetizar?
 Livros didáticos ()
 Atividades impressas ()
 Jogos e brincadeiras ()
 Outros ()
4. Considerando a prática da leitura, quantas vezes você lê histórias na turma
 Todos os dias da semana ()
 Três vezes por semana ()
 Menos de duas vezes por semana ()
 Não tenho essa prática ()
5. Na sua concepção, quais seriam os motivos dos alunos estarem chegando no final dos anos iniciais ou até mesmo nos anos finais do ensino fundamental com muitas dificuldades para aprender a ler e a escrever?
 Opções de respostas
 Pandemia ()
 Falta de apoio familiar ()
 Didática do professor ()
 Falta de interesse do aluno ()
 Deficiência do aluno ()
 Outra ()
6. Ao identificar uma criança com dificuldade de aprendizagem da leitura e escrita quais intervenções você utiliza para ajudar essa criança?

7. Você acredita que a metodologia e estratégias do professor podem ajudar o aluno a superar suas dificuldades? Teria algum exemplo para citar?

8. Com sua experiência em sala, é possível identificar os motivos de boa parte das famílias não se interessarem pelo aprendizado dos estudantes, especialmente os que estão tendo dificuldades?



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO

CAMPUS LUIZ

9. Saberá citar alguma estratégia para a escola tentar se aproximar dessas famílias no intuito de favorecer o aprendizado das crianças?

10. Existe na escola algum projeto para colaborar com o desenvolvimento das competências de leitura e escrita nas crianças que já estão mais defasadas em relação ao previsto pelos documentos normativos. Quais?
